

4.º *Trabalho colectivo livre*, em que as crianças são entregues a si próprias e tomam decisões comuns. É o «método dos projectos» de JOHN DEWEY e de ELLSWORTH COLLINGS. A ordem da Escola, a autonomia, trabalhos manuais, visitas e excursões, preparações de peças de teatro, representações scénicas tôdas as semanas, por uma classe a tôdas as demais e reciprocamente; sa-raus para as famílias; exposições; vendas,—tais são as actividades livres que nascem do próprio ambiente das crianças. Os adultos também intervêm nêstes trabalhos, mas, apenas, como auxiliares, conselheiros, e nunca para mandar, para impor a sua opinião.



*Bibliografia da «Escola Internacional».*

*École Internationale de Genève*—Rapports annuels—1922-1926; 1926-1927; 1927-1928.

*École Internationale sous le patronage du Bureau International des Écoles Nouvelles.*

*The International School-Geneva-Switzerland.*

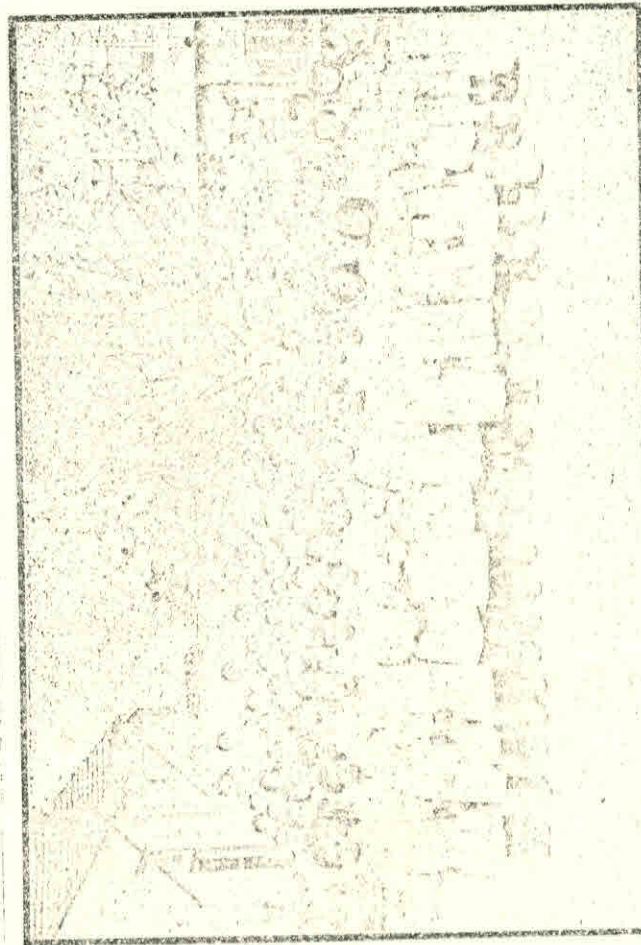


**97 — A Escola Social em Portugal**—De tôdas as espécies de escolas sciantistas de que temos mostrado as respectivas caraterísticas, a única que existe em Portugal é a Escola Social. É seu protótipo a Escola-Oficina N.º 1, situada em Lisboa (Largo da Graça, 58).

A sua origem remota data de 1876. «Nêste ano e a requerimento de JOSÉ GREGÓRIO da ROSA ARAUJO foram aprovados os estatutos de uma associação de beneficência denominada «Sociedade promotora de Creches», com sede em Lisboa, nas Escolas Gerais, e com o fim de alimentar e guardar durante o dia as crianças menores de 4 anos, filhas de mães que trabalhassem fora dos seus domicílios, por serem pobres».

Em 1902, no 1.º de Julho do referido ano, tomou posse da administração da Sociedade uma nova gerência, que, inteirando-se da situação económica e financeira da Sociedade, começou por reformar a sua lei estatuinte, tornando mais latos os fins da primitiva instituição, e criando desde logo a sua *1.ª Escola Oficina*, sob os mais modestos auspícios.

A Escola, a princípio, vegetou improgressiva; e tais foram as dificuldades a vencer, especialmente devidas ao processo de ensino implantado, novo inteiramente no nosso meio social e escolar, que até nos primei-



UM GRUPO DE ALUNOS DA ESCOLA OFICINA N.º 1

ros tempos, nem alunos tinha em número suficiente para uma frequência regular. Má era também a casa da Escola; difícil a escolha de professores e precária a situação económica. Tudo se venceu.



Em 1904, são reformados os seus estatutos e passa a denominar-se «Sociedade Promotora de Asilos, Creches e Escolas» e os seus fins são alargados.

No ano seguinte sofre novo impulso e para o citado edifício do Largo da Graça vem das Escolas Gerais, a Escola-Oficina n.º 1.

Começa então, verdadeiramente, o período progressivo d'êste estabelecimento educativo.

No ano de 1906 é renovado o seu corpo docente, que elabora um *plano de estudos*, onde se estabelecem normas pedagógicas e uma ordem pedagógica das matérias, sôbre os princípios dos centros de interesses e de associação de ideias — que são uma revolução no nosso meio pedagógico, ainda aferrado à rotina do ensino clássico do A B C e à cultura formal—tipo liceal.

Era então uma escola gratuita, sustentada por cotas mensais de 10 centavos, por donativos particulares, e outros recursos, como benefícios em teatros, etc. Quando, nesta data, entramos para o seu corpo docente, o nosso ordenado *mensal* foi de 3 escudos...

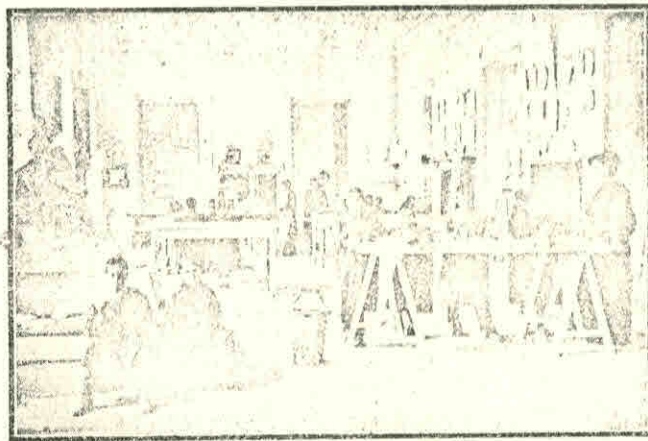
«E' no início do ano lectivo de 1907-1908 que verdadeiramente se acentua o progresso desta instituição educativa. As dedicações afirmam-se, e cada qual porfia em contribuir melhor e mais para o seu engrandecimento. Os recursos económicos começam a permitir que alguma coisa se faça» e, passados dois ou três anos a *Escola-Oficina n.º 1* começa a ser citada como um modêlo...

Sob a mesma orientação pedagógica que ditara o *plano de estudos* se foram modificando as tradicionais aulas, tornando-se oficinas, laboratórios, gabinetes de trabalho, cozinha, etc., fazendo-se desaparecer o famigerado estrado em que o professor rotineiro pontificava entronizado; substituindo as turturantes carteiras por cadeiras e mesas de trabalho; sistematizando e organizando os trabalhos manuais, pondo-os como base e método de tôdas as disciplinas; abolindo as notas e os exames, os prémios e os castigos, as formaturas; acabando com as férias e feriados; fixando o ano lectivo de Janeiro a Janeiro; desenvolvendo o sistema das excursões como elemento educativo, organizando pela primeira vez entre nós as exposições escolares dos finais do ano lectivo; estabelecendo aulas facultativas, criando,

em Portugal, o verdadeiro «Teatro escolar»; criando o tipo de associações escolares português chamado «Solidárias» e inaugurando assim, entre nós, a autonomia dos educandos e uma educação genética, funcional, dinâmica, activa e social.

Em 13 de Fevereiro de 1909, funda-se a associação dos alunos a «Solidária».

Em Dezembro realiza-se a exposição dos trabalhos escolares executados nêsse ano como prova final e pública do aproveitamento dos alunos.



AULA DE TRABALHOS MANUAIS

Em 1910, dada a grande quantidade de pedidos de admissão, alarga-se a lotação, e permite-se a matrícula a alunos pagantes, sem prejuizo dos gratuitos.

Nêsse mesmo ano, em 1 de Junho, «A Solidária» inaugura o «Lanche-escolar», e promove várias festas.

Em 1912, os estatutos são reformados e a sociedade proprietária da Escola-Oficina n.º 1 passa a chamar-se «Sociedade Promotora de Escolas».

Nêsse mesmo ano faz-se igualmente uma remodelação do *plano de estudos*.

Em Janeiro de 1913 passa a haver o regime coeducativo de sexos, em que, tanto rapazes como raparigas,

estão inteiramente equiparados em todos os estudos, sem excepção alguma.

Nêste ano organiza uma «Colónia de Férias», permanecendo os alunos durante o mês de Setembro num lugar perto de Pero Pinheiro, de nome Sapataria.

Ainda nêste ano e em 1917 há novas reformas de estatutos.

Pelos seus planos de estudo, verifica-se que a Escola-Oficina n.º 1, visava e visa uma educação integral, harmónica, activa e social.

Da introdução dêstes «planos» destacamos os passos reveladores da sua orientação e ideal pedagógico-social.

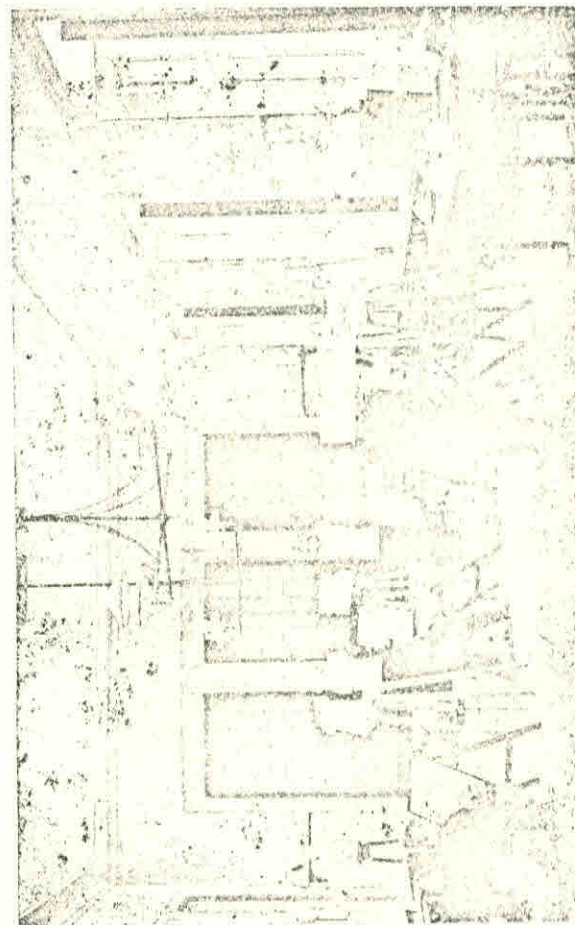
«A instrução, para ser efectiva, deve excitar e incitar a inteligência a procurar a verdade, sem precepitação, sem ideas preconcebidas, nem dogmas, com sinceridade portanto, criando, finalmente, o desejo de saber sempre mais como consequência de alguma coisa já sabida.

«A instrução assim compreendida, e a formação do critério e da iniciativa, são propriamente o trabalho da educação intelectual, a que tão intimamente se liga a educação moral, que difficil é extramar nitidamente os respectivos campos de acção.

«Na verdade, sem que a iniciativa e o critério afastem o indivíduo do automatismo, da sujeição às ideas e às acções dos outros e até às ideas do passado, preconceitos, salvando-o do caos intelectual das maiorias, como levá-lo a compreender e formar a sua dignidade própria? Ensiná-lo a procurar a verdade, despertar-lhe o desejo de saber, é também fortificar-lhe e libertar-lhe a vontade: ensiná-lo a querer por si próprio, sabendo o que deve e pode querer, na firme intenção de o realizar. O conhecimento das cousas da vida, a independência e a vontade conduzem à idea da responsabilidade dos actos próprios, à idea do dever, à coragem para a luta social e, do mesmo passo, aproximam os individuos, naturalmente sociáveis, tornando-os solidários».

«A cada modo de conceber a educação deve corresponder um modo de a praticar, um regime escolar próprio. E se ao sistema de num só molde lançar todo o barro das inteligências infantis para nêle reproduzir iguaes todos os exemplares a dar à vida, corresponde, por necessidade, o regime da feroz disciplina de caserna e da palmatória, ao método de interessar o aluno pelo estudo, formando de cada um um individuo característico, deve corresponder um regime de alegria, amor, franqueza e liberdade, ao mesmo tempo que de responsabilidade e trabalho.»

«As aulas devem ser lugares higiénicos, confortáveis e alegres sem o vulgar aspecto de jaulas, de prisões apartadas da vida; o seu mobiliário simples e cómodo, sem carteiras a deformarem os corpos, nem bancadas, obrigando muitos alunos à mesma posição»



AULA DE DESENHO

sem púlpitos, dando ao professor lugar privilegiado; as paredes, ornadas de quadros simples e instrutivos; reproduções de obras de arte, etc.»

«A pontualidade nos trabalhos escolares deve obter-se por



hábito consciente do aluno e exemplo do professor, dispensando-se quaisquer avisos para começo e fim das lições.»

«Professor e alunos devem ter a liberdade de escolher e ocupar os lugares que, em cada momento, mais convenham ao seu trabalho ou ao seu bem estar.»

«Não de abolir-se completamente formalidades que nada significam e conduzem ao automatismo incriterioso, assim como silêncios rigorosos, que refreiam, perigosamente, a livre expansão da vida infantil, não produzem atenção dos ouvintes e levam à impostura.»

«Todo o estudo deve ser feito durante as lições, praticamente: passar lições é destruir todo o trabalho da aula; usar de compêndios é criar o hábito nefasto de substituir a definição ao objecto e a fórmula do que não se conhece ao conhecimento directo.»

Tanto mais interesse pelo estudo e mais proveito da lição terá o estudante, quanto mais conseguir o professor fazer-lhe esquecer esta sua qualidade, não tomando ares de revelar ciência oculta, mas de palestrar, com bonomia e simplicidade, de cousas fáceis e já de todos conhecidas; quanto mais conseguir que seja o aluno quem pergunte, quem indague dos fenómenos, das cousas e das ideias, que ele terá o tacto de fazer aparecer natural, espontaneamente na lição, sem a criança suspeitar do artificio: seja ela quem forme, formule, critique e corrija a própria opinião. Dêste modo, o tempo da lição parecerá rápido, e esta será tão atraente, que o aluno desejará a seguinte.

«A completa imparcialidade do professor é uma necessidade imperiosa: aproveitar a maleabilidade de cérebros infantis para semear ideias e opiniões, próprias ou de seita, de ordem política ou religiosa, seria além de covardia, prejudicar todo o restante trabalho educativo.

Deve o educador ter sempre em vista que a sua missão não consiste em formar indivíduos *iguais* a ele, mas auxiliar a formação de caracteres individuais e firmes, *melhores* do que nós.

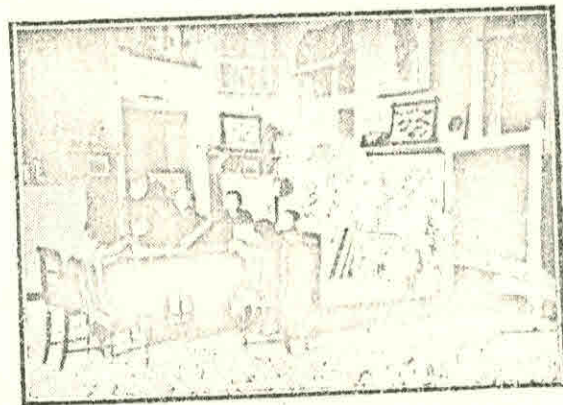
«Mantenha-se a disciplina pelo bem-estar, pelo amor ao estudo, pelo brio, pela noção do dever e da responsabilidade, pela compreensão dos prejuízos que a desordem causa ao proprio perturbador e aos outros; nunca pelo autoritarismo despótico que algema a espontaneidade, a iniciativa e a liberdade de acção das crianças.

Em resumo: faça-se da escola um lugar de prazer, pela alegria, pelo interesse de saber, pelo bem-estar afectivo; das classes, grupos solidários pela mutualidade de serviços que se prestam professor e alunos, centros de atracção, núcleos de trabalho e de energia.

«Depois do que dissemos sobre educação e regime escolar, em geral, pouco temos a acrescentar sobre o caso especial: o presente plano de estudos e a *Escola-Oficina N.º 1*, como escola de educação primária e de educação profissional.

Bastará dizer que a educação profissional deve acrescentar-se e ligar-se àquela, sem a enfraquecer, restringir ou, doutro modo, alterar; que a sua orientação educativa e o seu regime escolar devem ser os mesmos aplicados ao ensino técnico.

«O curso de *entalhador*, na *Escola-Oficina N.º 1*, compõe-se do seguinte:



AULA DE SOCIOLOGIA

Educação geral primária: Gimnástica, Português, Francês. —  
Noções práticas rudimentares de: Aritmética, Física, Química, Botânica, Zoologia e Higiene, Sociologia.

Educação profissional: Desenho, Construção de mobiliário, Trabalho de talha.

— Estes estudos são completados com Missões Escolares, tendentes a desenvolverem os conhecimentos dos alunos e a sua educação profissional e artística.

— O curso desenvolve-se em seis graus (que, em geral, devem corresponder, na prática, a seis anos de estudo).

Êste primitivo plano foi desenvolvido, completado e corrigido, e, em 1912, elabora-se um segundo plano em que a Escola perde o seu carácter acentuadamente

